

REMINISCÊNCIAS DO DIVINO

Data: 20/10/2002 – Ocasião: Dia do Avatar – Local: Prasanthi Nilayam

*Em 20 de outubro de 1940, um domingo,
Swami perdeu o prendedor do colarinho,
E, com ele, o véu de “maya” (ilusão)
desapareceu.
O apego mundano O deixou na forma do
prendedor do colarinho.
Ele deixou o lar, dizendo que “maya” não
poderia retê-lo por mais tempo.
Isso ocorreu após uma visita a Hampi.*

(Poema em télugo)

Encarnações do Amor Divino!

Isso aconteceu quando estive em Uravakonda. O Comissário da Corporação de Bellary teve um sonho em que foi direcionado a certa casa em Uravakonda e a levar Sathya para Bellary. Ao mesmo tempo, sua esposa teve um sonho em que foi induzida a acompanhar o esposo para levar Sathya. Pensaram que Sathya fosse uma personalidade expressiva e famosa. Agora, a minha estatura é de pouco mais de um metro e meio. Eu era bem menor naquele tempo. Costumava usar um calção e uma camisa. Tinha 14 anos na ocasião. Quando saí de casa, o casal logo Me reconheceu como sendo a mesma pessoa que lhes apareceu em sonho. Ficaram extremamente felizes e prostraram-se à Minha frente em plena estrada. Esqueceram-se de que eu era um menino. Eu estava no meu caminho para a escola com alguns livros nas mãos.

O Comissário e sua esposa aproximaram-se de Seshama Raju, o irmão mais velho deste corpo, e pediram: “Por favor, levem Sathya para Bellary hoje. Talvez tenham de pedir uma licença, mas não importa”. Não podemos negar nada a uma pessoa do *status* do Comissário da Corporação. Portanto, Seshama aproximou-se do Diretor da escola, Kameswar Rao, com uma solicitação que lhe permitiria partir. Também lhe explicou a razão para Me levar. Kameswar Rao gostava muito de Mim. Disse: “Pode levar Sathya para Bellary, ou para onde quiser. Não é necessário pedir minha permissão nesse sentido. Ele até ofereceu seu carro para levar-me a Bellary”.

O Comissário e sua esposa foram nossos anfitriões por três dias. Eles nos levaram ao templo Virupaksha, próximo a Hampi Kshetra. Seshama Raju e sua esposa disseram-Me para permanecer fora do templo e cuidar dos seus pertences enquanto estivessem recebendo o *darshan* da divindade. Concordei prontamente e permaneci do lado de fora, logo que eles entraram no templo. Para seu espanto, eles Me encontraram no santuário, onde a divindade supostamente deveria estar. Seshama Raju não podia crer em seus olhos. Pensou: “Por que ele veio para cá, quando lhe disse especificamente para ficar lá fora tomando conta dos nossos pertences?” Saiu imediatamente do templo só para encontrar-Me lá de pé! Entrou novamente e encontrou-Me lá também! Como não estava convencido, disse à sua esposa: “Vá lá fora e controle Sathya. Não lhe permita ir a qualquer lugar. Enquanto isso, eu entrarei e verei se ele continua lá”. De novo, viu um Sathya sorridente parado no santuário. O Comissário da Corporação também foi testemunha de tudo isso. Reconheceu Minha divindade. Quando saíram do templo, tomou as mãos de Seshama Raju e disse: “Raju, não imagine que Sathya seja seu irmão. Ele não é uma pessoa comum. Você se ilude ao ver Sua forma física. Há divino poder n’Ele”.

Voltamos à casa do Comissário, lá fizemos nossa refeição e iniciamos nossa viagem de volta a Uravakonda. Ele quis dar-me um presente. Disse que conseguiria quatro pares de calças e camisas para Mim. Com convicção, Eu disse a ele que não aceitaria nada. Ele também não Me forçou a aceitar. Então sua esposa sugeriu que um prendedor de colarinho de ouro seria um presente adequado. Naquele tempo, era uma questão de prestígio para as crianças usarem um prendedor de colarinho. Imediatamente, comprou um de ouro e o colocou na gola da Minha camisa. Protestei. Sob quaisquer circunstâncias, jamais aceitei qualquer coisa dos outros. Mas, Seshama Raju insistiu para que eu aceitasse o presente. Disse que Minha recusa em aceitar o presente seria desrespeitosa ao Comissário. Portanto, obedeci a ele.

Depois do retorno a Hampi, Eu ia à escola usando o prendedor. O adereço caiu no trajeto e não pôde ser encontrado. Uma importante transformação instalou-se em Mim. Os apegos mundanos Me abandonaram graças a um prendedor de colarinho. Decidi assumir Minha missão para aliviar o sofrimento dos Meus devotos. Joguei os livros fora e entrei no jardim do Comissário Especial de Consumo, Hanumantha Rao.

Ele era um fervoroso devoto. Ao Me ver, ele disse à sua esposa que preparasse algumas iguarias. Mas não toquei em nenhuma. Seshama Raju se aproximou e forçou-Me a voltar para casa. Enviou, então, um telegrama a Puttaparthi, pedindo a Pedda Venkatma Raju Garu e Easwamma Garu que fossem imediatamente a Uravakonda. Naquele tempo, um telegrama levava uma semana para chegar. Um dos rapazes da escola também foi enviado a Puttaparthi como mensageiro.

Quando eles chegaram, Seshama Raju os trouxe a Mim. Easwamma defendeu-Me com lágrimas nos olhos: “Sathya, venha, vamos voltar à casa de seu irmão”. Mas não concordei. “Se vocês querem que Eu vá, quero ir com vocês a Puttaparthi. Irei por Minha conta e farei os habitantes da vila felizes”.

Naquele tempo, Eu costumava liderar a prece escolar, pela amorosa insistência do diretor. Ele dizia: “Raju, você pode ser jovem, mas a Sua prece derrete nossos corações”. No dia seguinte ao que deixei a escola, outro aluno, que costumava sentar-se próximo de Mim na sala, foi solicitado a conduzir a oração. Quando foi à frente, desabou em lágrimas ao lembrar-se de Mim. Todos os alunos e professores choraram, e o encontro de oração foi cancelado. Queriam acompanhar-Me a Puttaparthi. Mas como seria possível acomodar tantos nesta vila? Então falei a Kameswar Rao que convencesse os rapazes a não Me seguirem.

Na sala de aula, três de nós costumavam dividir uma carteira. Eu ficava no meio, ladeado por Ramesh e Suresh. Eles não iam muito bem nos estudos. Sempre que os professores lhes faziam perguntas, as respostas eram providas por Mim. Era época dos nossos E.S.L.C., exames públicos. Os nossos números de inscrição nos colocavam de forma a sentar-nos separadamente, a certa distância. Não era possível que eles copiassem. Ficaram muito preocupados. Encorajei-os dizendo: “Vocês não precisam escrever nada. Apenas permaneçam e finjam escrever a prova. Eu cuidarei do resto”.

O tempo previsto para a prova era de duas horas. Completei as Minhas respostas em dez minutos. Tomei mais alguns papeis do supervisor e escrevi as respostas na caligrafia de Ramesh. Depois de completá-las, peguei mais algumas folhas e escrevi as respostas na caligrafia de Suresh. Também escrevi os seus nomes nas respostas. Quando soou a campainha, todos os alunos levantaram-se e Eu, cuidadosamente, coloquei as três folhas na mesa do examinador. Ninguém levantou objeções.

Os resultados foram anunciados no dia seguinte, e somente nós três tiramos nota máxima. Os professores ficaram surpresos com o fato de Ramesh e Suresh também alcançarem a nota máxima. Não havia margem a qualquer dúvida. Eles não poderiam ter copiado de Mim, pois estávamos afastados uns dos outros. As suas respostas estavam escritas em suas próprias caligrafias. As pessoas locais ficaram radiantes. Elas nos carregaram em seus ombros levando-nos em um grande cortejo.

Esses dois rapazes tinham uma íntima afinidade Comigo. Quando deixei Uravakonda, Ramesh e Suresh não suportaram a separação. Ramesh, totalmente abatido, caiu em um poço e faleceu. O segundo rapaz continuou repetindo “Raju, Raju, Raju!” e, finalmente, enlouqueceu. Ele foi levado a vários sanatórios, mas não houve melhora. Finalmente, os seus pais vieram a Mim e suplicaram: “Raju, ele será curado de sua insanidade se O vir, ao menos uma vez. Por favor, venha vê-lo!”. Eu fui ao sanatório. Ele constantemente repetia: “Raju, Raju, Raju!”. Ao Me ver, chorou, caiu aos Meus pés e exalou seu último suspiro. Eles haviam se rendido a Mim. Eles oraram para que nunca fossem separados de Mim.

Quando Eu vim para Puttaparthi, Karanam Subhama deu-Me um acre de terra, perto do templo Sathyabhama, onde foi construída uma pequena casa. Ali Eu costumava morar. Os mesmos Ramesh e Suresh nasceram novamente como dois filhotes de cães e vieram a Mim. A irmã do Marajá de Mysore chamou-os de Jack e Jill. Eles estavam sempre Comigo.

Um dia a Maharani de Mysore veio para receber Meu *darshan* (bênção). Era uma grande devota e uma mulher altamente ortodoxa. Realizava *puja* (devoção) com flores, diariamente. Colhia as flores pessoalmente, depois de santificar as plantas, borrifando-as com água e leite. Como não havia estradas viáveis até Puttaparthi, descia do carro em Kamatakanagepalli e caminhava o resto do percurso até o velho *mandir* (templo). Ali costumava haver um pequeno galpão onde agora está o Pedda Venkama Raju Kalyana Mandapam. A Maharani decidiu descansar durante a noite no *mandir*. O motorista jantou e voltou a Kamatakanagepalli, onde estacionou o carro. Falei a Jack que acompanhasse o motorista e lhe indicasse o caminho. Jack caminhou à frente, e o motorista o seguiu. Jack dormiu embaixo do carro.

Na manhã seguinte, o motorista ligou o carro sem saber que Jack dormia embaixo dele. A roda do carro passou sobre as costas de Jack e quebrou sua coluna vertebral. Ele arrastou-se através do rio, ganhando o tempo todo. Um faxineiro chamado Subanna, costumava cuidar do velho *mandir* dia e noite. Era muito leal e considerava Swami como sua própria vida. Aproximou-se de Mim correndo e disse: “Swami, Jack

pode ter sofrido um acidente. Está ganindo de dor”. Eu saí em seguida. Jack se aproximou de Mim ganindo alto, caiu aos Meus pés e morreu. Foi enterrado atrás do *mandir* e lá foi erguido um *Brindavam*. Por Minhas instruções, foi construído ao lado e não no centro. Avisei que deveria haver lugar para outro *samadhi*.

Desde a morte de Jack, Jill passou a não alimentar-se e morreu depois de alguns dias. Foi enterrado ao lado de Jack. Dessa forma, Ramesh e Sumesh fizeram penitência para estar Comigo. Mesmo após a morte deles, tomaram a forma de cães para estarem Comigo.

Primeiro, o prendedor foi perdido. Depois, Eu deixei de ir à escola e meus pais chegaram e Me trouxeram para cá. Devido a todas essas mudanças, deixei Uravakonda.

Depois de haver chegado aqui, muitas pessoas de Bangalore e Mysore começaram a visitar este lugar, vindo em seus carros. A Maharani de Mysore, cafeicultores de Sakamma, Desaraj Arasu, o tio materno da Maharani de Mysore estavam entre os que costumavam vir até aqui. Um dia, pediram: “É difícil para nós virmos até aqui com frequência. Portanto, venha e estabeleça-se em Mysore. Nós construiremos uma grande mansão para Você”. Eu disse: “Não quero construções palacianas. Quero estar aqui!”.

Naquela noite, mãe Easwamma veio a Mim com lágrimas nos olhos e disse, “Swami, as pessoas querem levá-lo daqui para lá, devido aos seus propósitos egoístas. Se Você deixar Puttaparthi, eu desisto de viver. Por favor, me prometa que permanecerá em Puttaparthi para sempre”. Dei a ela a Minha palavra de que jamais deixaria Puttaparthi. É por essa razão que construí muitas casas no Ashram para conforto e conveniência dos devotos.

Quando deixei claro que Eu não abandonaria Puttaparthi, Sukamma e o tio materno do Marajá de Mysore decidiram construir um *mandir* (templo), um pouco afastado da vila. Adquiriram dez acres de terra aqui e iniciaram a construção. Um dedicado devoto chamado Vittal Rao, voluntariamente, supervisionou a obra. Ele foi guarda florestal durante o regime britânico. Ele é o pai de Jayamma (Prof. Jayalakshmi Gopinath), que falou anteriormente. Supervisionou o trabalho da construção. R.N.Rao de Madras, Neeladri Rao, o genro de Pitapuram Maharaja, o genro de Baroda Maharaja – todos interessaram-se ativamente pelo trabalho da construção. Desde que todos se uniram, o *mandir* foi construído em pouco tempo. Já que era época de guerra, era muito difícil conseguir ferro para a obra. Eles superaram todos os obstáculos com honestidade e devoção. Oraram para que eu não fosse lá até o final da construção, para não me causar transtornos. Tal era o amor deles por Mim.

Sempre cumpro as Minhas promessas aos devotos. Tudo que faço é visando à felicidade dos devotos. Não preciso de nada para Mim. Não tenho desejos.

Eles trabalharam dia e noite. Fizeram pagamentos aos operários e observaram que a construção fora concluída com sucesso. Jayamma era muito jovem naquele tempo. Todo domingo, Vittal Rao vinha até aqui em seu carro, para pagar os salários dos trabalhadores. Jayamma insistia para que lhe fosse permitido acompanhá-lo. Vittal Rao era muito afeiçoado à filha. Costumava preparar a refeição em Bangalore e trazer a filha consigo. Ela serve a Swami há 60 anos. Veio a Mim, quando este corpo tinha 17 anos. Agora, este corpo se aproxima do 77º aniversário. Ela vinha visitar Prashanthi Nilayam com muita frequência, aprendia os *bhajans* (canções devocionais) de Swami e cantava a Sua glória. Dessa forma, desenvolveu sentimentos sagrados e intensa devoção a Swami. Deve-se ter *prapti* (merecimento) para experimentar a proximidade com o Divino. Não é possível recebê-la simplesmente solicitando-a. Isso também não pode ser negado. A pessoa a recebe além dos méritos acumulados ao longo de suas vidas. Sua família é a receptora de graça abundante. Fui movido por suas repetidas referências verbais a Venkamma Garu (a irmã mais velha de Swami).

Venkamma Garu costumava cozinhar para Swami. Jayamma estava sempre junto a ela para aprender a cozinhar. Mantinham íntima amizade. Mais tarde, Parvatamma Garu (irmã mais nova de Venkamma) também veio. Traziam as refeições para Swami, alternando-se, uma pela manhã e a outra à noite. Preocupavam-se, achando não ser seguro permitir que outras pessoas preparassem os alimentos para Swami. Conseguiram que Eu promettesse comer somente o alimento preparado por elas para Mim. Serviram-Me até morrer. Estavam no Hospital Manipal, de Bangalore, por ocasião de suas passagens.

Venkamma foi levada inconsciente para Bangalore. Desde então, não tinha mais aberto os seus olhos. Fui a ela e chamei-a: “Venkamma!”. Imediatamente abriu seus olhos e viu Swami. Ofereceu seu *namaskar* a Mim, tomando Minhas mãos e, aproximando-as de seus olhos, chorou e deixou o seu corpo mortal.

O mesmo também aconteceu no caso de Parvatamma. Ela também estava inconsciente quando foi levada a Bangalore. Eu fui a ela e chamei-a pelo nome. Imediatamente abriu os olhos, chorou e deu seu último suspiro. Enquanto estiveram vivas, serviram Swami, trazendo-lhe as refeições diariamente, pela manhã e à noite. Essa íntima relação com o Senhor é o resultado de méritos de vidas passadas. Não pode ser adquirido por esforço humano. Elas nunca se importaram com a sua falta de saúde e continuaram a servir Swami com amor. Suas vidas foram santificadas.

Até hoje, as refeições vêm das suas casas. O filho de Seshama Raju vive aqui. O filho de Easwaramma, Janakiramaiah, também está aqui. Vocês todos os conhecem. A sua esposa prepara e traz as refeições para Mim; assim como a filha de Parvatamma também traz o alimento para Mim. Dessa forma, elas servem Swami diariamente. Não Me alimento à noite. A cada manhã, elas trazem o desjejum para Mim. Essa é a íntima relação que Swami tem com essa família. Algumas encarnações ocorrem devido às preces de seus pais, mas, no caso de Swami, é diferente. Eu decidi como deveriam ser tanto o pai como a mãe. Esse corpo não teve nascimento na forma mortal convencional.

Embora Kamam Subbamma não fosse fisicamente conectado a esse corpo, emocionalmente era muito ligada a Swami. Costumava pensar em Swami constantemente. Ela Me pediu que ficasse em sua casa. Estava preocupada em desocupar a casa para o Meu bem-estar. Muitos parentes argumentaram com ela: "Sendo uma brãmane, como você permite que um *kshatrya* (casta dos guerreiros) fique em sua casa?". Ela disse: "Eu não irei para a casa de ninguém. Nenhum de vocês precisa vir à minha casa. É suficiente, para mim, ter Swami comigo". Assim era sua devoção e determinação. Tinha somente um desejo. Orava: "Gostaria de ver Sua bela forma quando eu deixar o meu corpo." Assegurei-lhe que certamente atenderia ao seu desejo.

Certa vez, fui a Madras, atendendo a prece de um devoto. Subbamma estava em Bukkapatnam naquele tempo. Ela ficava com sua mãe. Quando voltei de Madras, Subbamma faleceu. Quando cheguei, as pessoas vieram correndo a Mim e disseram: "Swami, Sua Subbamma faleceu durante a noite passada".

Imediatamente, dei volta ao carro e fui diretamente a Bukkapatnam. O corpo dela estava na varanda, coberto por um tecido. Toda a família estava angustiada. Certa vez, Swami fez uma promessa. Ele certamente a cumprirá, sob quaisquer circunstâncias.

Removi a mortalha que cobria o corpo. Como ela havia falecido na noite anterior, formigas andavam sobre o seu corpo. Eu chamei: "Subbamma!". Ela abriu os olhos. Essa notícia se espalhou como fogo selvagem, em pouco tempo. O povo de Bukkapanam começou a lotar o local, dizendo uns aos outros que Subbamma fora trazida de volta à vida. A mãe de Subbamma tinha cem anos naquela época. Eu lhe disse que trouxesse um copo com água e uma folha de *tulasi* amassada dentro. Coloquei a folha de *tulasi* na boca de Subbamma e a fiz tomar um pouco da água. Eu disse: "Subbamma, mantive a Minha promessa. Agora você pode fechar os olhos em paz."

Ela disse: "Swami, de que mais eu preciso? Estou partindo abençoada." Derramando lágrimas de alegria, segurou as Minhas mãos e deu seu último suspiro. Nunca deixo de cumprir as Minhas promessas. Sempre as mantenho, sob quaisquer circunstâncias. Assim, as palavras são inadequadas para descrever o trabalho de Subbamma. No tempo do Avatar Krishna, a mãe Yasoda pôde amar e servir a Krishna mais que mãe Devaki.

Naquele tempo, Easwaramma e Subbamma costumavam conversar através da janela do muro que separava as casas. Não podiam visitar-se, porque os seus maridos não se falavam. Mas Easwaramma tinha um relacionamento cordial com Subbamma.

Os pais deste corpo foram escolhidos por Mim. Pedda Venkama Raju costumava ajudar os devotos que visitavam Swami. Ele ia correndo a Bukkapatnam até por um coco ou por provisões requeridas pelos devotos. Certo dia, veio ao *mandir* e quis falar Comigo. Eu já havia chamado um grupo para a entrevista. Levei-o para dentro. Ele disse: "Swami, eu não deveria deixar para trás qualquer dívida. Tenho uma pequena loja. Posso ter me esquecido de devolver um ou dois *paisa* (centavos) a alguém. Portanto, peça que distribua comida aos pobres no décimo segundo dia, depois de minha morte". Pegou algumas moedas e colocou-as em Minhas mãos, dizendo: "É o meu dinheiro suado. Você pode usá-lo para alimentar os pobres". Também mencionou que mantinha alguns sacos de arroz e açúcar mascavo, necessários para seu propósito. Depois disso, foi para casa, dormiu e faleceu em paz.

Easwaramma também teve um fim sagrado. Ela, usualmente, Me seguia para onde quer que Eu fosse. Ela veio a Brindavan para participar do Curso de Verão. Ela estava muito feliz ao ver tantos estudantes. Ela ainda servia água a eles durante os lanches. Ela costuma dizer, "É por causa de Swami que

podemos testemunhar tão grande evento”. Certo dia, o desjejum foi servido, como sempre, aos estudantes. Easwamma também tomou o seu lanche. Venkamma, que, habitualmente, cuidava de suas necessidades, estava ao seu lado naquele momento. Easwamma estava batendo noz de batel¹ num pilão. Pude ouvir o som do andar de cima. De repente, ela gritou, “Swami, Swami, Swami!”. Eu disse, “Estou indo! Estou indo!”. Desci imediatamente, e ela deu seu último suspiro. Não sofreu absolutamente nada, nem mesmo uma leve dor de cabeça. As suas vidas foram santificadas e selecionadas por Swami.

Ramesh e Suresh consideravam Swami como seu alento vital. Apesar de serem muito jovens, tinham intenso amor a Swami. Sabendo que Eu não tinha dinheiro comigo, Ramesh pegou duas peças de roupa, feitas para Mim e as colocou em Minha mesa com um bilhete: “Se você não aceita-las, eu desisto de viver”.

Recusei-as, dizendo: “Nossa amizade e amor não deveriam construir-se em bases de dar e receber. A nossa amizade é de coração a coração, com puro amor. Devemos partilhar somente amor. Não deve haver nenhuma troca material.”

A partir de então e até esse dia, nunca aceitei nada dos outros. Sempre Me conduzo de acordo com o princípio de “Ajudar sempre, ferir jamais”. Esse tem sido o meu lema. Nunca feri alguém. Sempre sinto grande alegria em ajudar aos outros. Por isso é que peço aos devotos que orem, sempre, *Loka samastha sukhino bhavantu*² (Que todas as pessoas do mundo possam ser felizes). Todos deveriam ser abençoados, saudáveis e felizes.

Com essa sagrada motivação, tenho espalhado a mensagem de amor ao mundo inteiro. Os Meus estudantes são a minha maior propriedade. Os estudantes da Escola Primária, Secundária e do Instituto estão sempre Comigo. Eles não deixam Swami, e Swami não pode ficar sem eles. Minha vida se destina ao bem da humanidade em geral. A felicidade das pessoas é a felicidade de Swami. Eu não tenho interesse em celebrar o Meu aniversário. Mas os devotos não deixariam. Eles querem diferentes celebrações, mas não quero nenhuma. Considero os seus aniversários como Meu aniversário. Quando vocês estão felizes, realmente é Meu aniversário.

Apesar de os corpos serem diferentes, não deem espaço a quaisquer diferenças. Todos são um, sejam iguais com todos. A relação que Swami tem com os devotos não é de natureza humana. É relação baseada no Amor Divino.

Fonte:
<http://legacy.sathyasai.org/>
<http://legacy.sathyasai.org/discour/2002/d021020.html>

¹ Noz de areca (semente da palmeira de areca que é comum na Índia).

² No Brasil, temos o costume de traduzir esse mantra como “Que todos os seres de todos os mundos sejam felizes”. Neste discurso, o original em inglês está assim: “May all the people of the world be happy”.